

Originalmente para: *Multiculturalismo e Identidades Permeáveis na Literatura Infantil e Juvenil*, ROIG RECHOU, Blanca-Ana, SOTO LÓPEZ, Isabel e LUCAS DOMÍNGUEZ, Pedro (coord.), Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp. 109-119 (ISBN 84-9782-486-5).

Multiculturalismo, identidades permeáveis e literatura infanto-juvenil

Comentário com vista à formação leitora de *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares

José António Gomes
Sara Reis da Silva
Ana Margarida Ramos

RESUMO

A abordagem que a seguir se apresenta centra-se em *Os Ovos Misteriosos*, conto infantil em formato de álbum da autoria de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de Manuela Bacelar. Trata-se de uma obra em que isotopias como a convivência multicultural, a tolerância, a aceitação da diferença ou a fraternidade são fundamentais. Na leitura efectuada, salientam-se, ainda, aspectos relativos à arquitectura narrativa, à configuração simbólica de alguns elementos, bem como ao estilo quer da autora, quer da ilustradora.

1. Publicada, pela primeira vez, em 1994, pelas Edições Afrontamento, na colecção «Triciclo Voador», a obra *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares (n. 1939, Lisboa) é uma das mais divulgadas do extenso conjunto de textos desta autora, que se estreou na escrita para os leitores mais jovens, em 1972, com *A História da Papoila*. O conto seleccionado encontra-se traduzido em neerlandês e em francês, tendo sido também publicada, em França, uma edição bilingue.

2. Com mais de meia centena de títulos editados, um universo plural em que se incluem recolhas e adaptações do património oral, colectâneas poéticas, narrativas, desde o conto à novela juvenil, texto dramático e, ainda, outras obras com um fundo mais didáctico, Luísa Ducla Soares é uma das autoras mais reconhecidas da Literatura Portuguesa comumente designada como infantil e juvenil.

Na globalidade, na sua produção literária, como, em outros lugares, já foi explicitado (Gomes, 1997; Florêncio, 2001; Silva, 2005), detecta-se a ficcionalização de temáticas como a convivência social, a harmonia possível na diferença, a aceitação do Outro, a crítica social (ao materialismo, à sociedade de consumo, ao racismo, por exemplo), sempre num discurso muito expressivo, coloquial, marcadamente lúdico, por vezes, irónico, *nonsensical* e humorístico, e sempre próximo do destinatário. É o que se constata na colecção «Sete Estrelas» (Livros Horizonte), em que se inserem contos como *A Menina Branca*, *o Rapaz*

Preto, O Homem Alto, a Mulher Baixinha ou *A Menina Verde* – alguns deles reeditados nas colectâneas *Gente Gira* (2002) e *Tudo ao Contrário* (2002) –, em obras como *O Soldado João* (1973), *A Princesa da Chuva* (1984/2005), *A Festa de Anos* (2004), ou no conto «Meninos de todas as cores», incluído em *O Meio Galo e outras histórias* (1976). Este último texto foi, aliás, a base de uma maleta pedagógica organizada pela UNICEF e pela OIKOS, em 1990, como apoio ao projecto escolar e à exposição «Um Mundo de Crianças».

3. Também da narrativa breve seleccionada, *Os Ovos Misteriosos*, emerge uma das linhas ideotemáticas fundamentais, como temos vindo a sugerir, da produção literária de Luísa Ducla Soares. É esta a do “elogio da diferença”, tópico para o qual acabam por convergir outros vectores como o da tolerância, da solidariedade e, muito particularmente, o da convivência multicultural, aspectos que determinaram a nossa opção por este texto.

Tratando-se de um conto profusamente ilustrado por Manuela Bacelar, a obra escolhida para este comentário destina-se preferencialmente às primeiras idades, situando-se tipologicamente na categoria do álbum narrativo.

Do ponto de vista estrutural, em *Os Ovos Misteriosos*, a trama narrativa, pautando-se pela brevidade, pela linearidade e pela univocidade, desenvolve-se segundo a arquitectura tradicional do conto, que se traduz numa situação inicial – neste caso, de desequilíbrio para a protagonista –, nas peripécias, num ponto culminante e no desenlace, momento em que se soluciona o conflito, em que a acção se fecha de modo eufórico e em que se reafirmam alguns dos valores que, ao longo de todo enredo, se ensaiam. Desde o início, o discurso literário rege-se por uma simplicidade lexical e sintáctica, por um tom coloquial, pela presença de segmentos dialogais, pela tendência para o visualismo e ainda pela integração expressiva de pequenos segmentos poéticos – quase sempre quadras rimadas com uma estrutura repetitiva –, um conjunto de estratégias que favorecem, de um modo determinante, a adesão dos leitores mais novos. Mesmo o enigma que o título introduz a partir do nome «ovos» e do próprio adjectivo «misteriosos», coadjuvado, à medida que a acção vai avançando, pela capacidade de facultação doseada ou paulatina da informação, desempenha um relevante papel na captação da atenção do destinatário extratextual.

Os Ovos Misteriosos, uma «fábula simples e bem-humorada» (Gomes, 1997: 47) introduzida a partir da fórmula hipercodificada «Era uma vez», coloca em primeiro plano uma galinha, figura anónima, como todas as outras com quem “contracena”, que se revela, desde o início, como uma personagem personificada, com alma, voz, um forte desejo e muita determinação:

«Era uma vez uma galinha que todos os dias punha um ovo. E todos os dias vinha a dona, com uma cestinha tirar-lho.

– Já pus 1.000 ovos. Podia ser mãe de mil filhos. Mas não tenho nenhum por causa da gente gulosa – cacarejou certa manhã a galinha. – Vou fugir.» (Soares, 1994).

O sonho da maternidade, que, muitas vezes, quer na literatura tradicional, quer na literatura de potencial recepção infantil, surge associado à figura animal mencionada, aliado ao da liberdade, motivam a partida da futura mãe-galinha que, assim, deixa para trás um lugar de cativo para se aventurar num espaço desconhecido, a mata ou o bosque, e cumprir a sua vontade. Capoeira e mata/bosque, espaços físicos da acção narrada, opõem-

se do ponto de vista simbólico. Na verdade, enquanto o primeiro espaço é dominado pela clausura, pelo aprisionamento, pela solidão/isolamento e pela frustração, o segundo destaca-se pela relativa segurança, pela intimidade e pela superação do “obstáculo” que possibilita, funcionando, ainda, enquanto cenário de conhecimento e de confronto com a perspectiva do Outro. Aliás, é neste espaço de liberdade que se situa, ainda, um outro, o ninho, local matricial da coexistência harmoniosa, da diversidade e da concretização do sonho. A pluralidade de seres, que este «ninho cheio de ovos de todos os tamanhos e feitios» (Soares, 1994) guarda, surpreende e faz prever a possível coabitação de figuras diversas, à semelhança, aliás, do que acontece em outros textos de potencial recepção infantil, como, por exemplo, no clássico *O Patinho Feio*, de H. C. Andersen.

As cinco diferentes personagens animais, escondidas nos distintos ovos – o papagaio, a serpente, a avestruz, o crocodilo e o pinto –, unidas por fortes laços de fraternidade, convivem de modo saudável, agem de acordo com a sua essência e unem-se numa difícil situação de perigo. A ligação que entre si celebram, bem como as várias acções apaziguadoras da mãe-galinha, do ponto de vista simbólico, parecem redundar num cenário de ordem e perfeição. O respeito pela singularidade de cada um dos seus filhos, bem como a compreensão e o amor maternos que determinam a actuação da protagonista, constituem elementos prevaletentes e fundamentais não só em relação à construção diegética, mas também quanto “efeito de espelho”, ou seja, ao reflexo do mundo ficcional no mundo social e real que a leitura deste conto possibilita.

De facto, o comportamento das personagens animais deixa antever alguns dos sentidos, dos valores, das críticas e dos “recados” que Luísa Ducla Soares veicula, com invulgar vivacidade, na narrativa seleccionada. A galinha, verdadeira heroína, manifestando a sua felicidade e o seu amor por todos os seus diferentes filhos, a quem dedica, por igual, afecto, atenção e respeito, vê-se confrontada com uma atitude explícita de marginalização e de preconceito por parte das suas congéneres:

«– Olhem a minha ninhada! – mostrava ela às galinhas do mato. – É tão variada, é tão engraçada.

– Trata só do teu pinto. Não ligués aos outros bichos – aconselhava a perdiz.

Mas como podia ela abandoná-los depois de os ter chocado com tanto amor? Que outra mãe havia de tratar deles?» (Soares, 1994).

Na verdade, estas figuras testemunham, à semelhança do que ocorre nas fábulas, o comportamento humano e, mesmo, alguns dos aspectos inerentes à sociedade coeva, como sejam, por exemplo, a rejeição da diferença, o racismo ou a valorização das aparências.

Em *Os Ovos Misteriosos*, verifica-se, ainda, um confronto ou um conflito desigual entre as personagens animais e as personagens humanas, aparentemente mais fortes, determinadas em exercer o seu poder sobre aquelas, desrespeitando o valor da sua vida e desempenhando o papel próximo do vilão, uma recriação em que parece estar implícita uma carga pejorativa, através da qual se “desumaniza os humanos” e se denunciam genericamente – note-se que estas personagens são anónimas – alguns dos seus defeitos.

O desenlace positivo e exemplar suscita, portanto, o (re)encontro com as isotopias estruturantes desta narrativa fechada. Com imaginação e humor, a resolução do conflito é apenas possível pela compreensão mútua, pela união – que faz a força –, pela entreajudada

e, somente desta forma, as personagens deste conto, em particular a galinha, vêem concretizados os seus desejos.

Num estilo que Natércia Rocha apelida de «sereno e decidido» (Rocha, 1984: 110), expressão a que acrescentaríamos o adjectivo vivo, Luísa Ducla Soares propõe, em *Os Ovos Misteriosos*, um encontro literário, visivelmente enriquecido pelo discurso artístico de Manuela Bacelar, com um mundo afectivo em que a pluralidade de espécies animais e a sua tranquila convivência sinalizam, com subtileza, a possibilidade de que o mundo dos Homens também assim possa existir. A pluralidade cromática das extensas ilustrações (muitas vezes, em página dupla), o seu predomínio em relação ao texto linguístico, que, frequentemente, surge em locais “secundários” da página, bem como a representação expressiva das emoções que vão dominando as personagens intervenientes, um percurso estético em tudo consentâneo com a própria narrativa verbal, funcionam como factores de atracção do leitor e também como sugestivos elementos de reiteração das temáticas basilares que o conto em análise esboça. De salientar ainda que Manuela Bacelar opta, neste livro, por aquele seu registo mais alinhado com uma linguagem que se apresenta como misto de caricatura e de *cartoon*. Tal registo sublinha em geral as virtualidades humorísticas de narrativas para os mais novos e distingue-se claramente da linha mais dramática da ilustradora, marcada pelos tons escuros e suportada pelo recurso ao óleo ou ao acrílico, como é visível em *Silka* (1989), de Ilse Losa, *A Sereiazinha* (1995), de Andersen e em outras obras.

4. Em *Os Ovos Misteriosos*, conforme procurámos aflorar ao longo da nossa análise, Luísa Ducla Soares aborda um dos tópicos mais recorrentes na sua escrita. Nesta narrativa atemporal, em que actua um número restrito de personagens, predominantemente animais, seguindo alguns dos modelos da escrita de potencial recepção infantil, a autora testemunha uma singular capacidade narrativa, que espelha a opção por um conjunto de estratégias discursivas (como o tom humorístico ou o carácter dialógico) bastante eficazes no processo de aproximação ao receptor. Sem moralismos forçados, *Os Ovos Misteriosos* reveste-se de uma importante dimensão ética, ficcionaliza temáticas fundamentais, como a paz na diferença ou a união e a solidariedade, e espelha simultaneamente um olhar atento sobre o real e o sonho de um mundo melhor. Neste, como em outros textos, Luísa Ducla Soares parece apenas querer dizer que, para os Homens, no que toca à convivência com o Outro, “é preciso crescer”, sem esquecer que, felizmente, há “meninos de todas as cores”.

Referências bibliográficas

- ▶ BIEDERMANN, Hans (1994). *Dicionário Ilustrado de Símbolos*. São Paulo: Melhoramentos.
- ▶ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- ▶ FLORÊNCIO, Violante (2001). «O Elogio da Diferença na Obra de Luísa Ducla Soares» in *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, Nº 5, Abril de 2001, pp. 3-8.
- ▶ GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura-Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- ▶ VILA MAIOR, Isabel (2005). «A Obra Narrativa de Luísa Ducla Soares» in *No Branco do Sul as Cores dos Livros* (Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens, Beja, 2001 e 2002 – Actas). Lisboa: Caminho, pp. 205-220.
- ▶ ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: ICALP-ME.
- ▶ SILVA, Sara Reis (2005). *Dez Réis de Gente... e de Livros. Notas sobre Literatura Infantil*. Lisboa: Caminho.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (1994). *Os Ovos Misteriosos*. Porto: Afrontamento.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (2001). *O Meio Galo*. Porto: Asa (ilustrações: João Machado) (5ª ed.).